

UMA APROXIMAÇÃO AOS CONCEITOS BAKHTINIANOS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVA¹

Sina PLACZEK

Orientadora: Profª. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto

Resumo: No presente trabalho será apresentada uma aproximação ao pensamento bakhtiniano a fim de demonstrar sua relevância para a Neurolinguística Discursiva. Para tanto os conceitos de *sujeito*, de *enunciado*, de *acabamento* e de *querer-dizer* serão delimitados. Essas concepções são fortemente ligadas umas as outras, de maneira que é difícil analisar cada uma isoladamente, porque seus sentidos são entrelaçados. Entretanto, procurar-se-á esboçá-los separadamente, para que fiquem claros. Esta primeira parte será finalizada apontando as contribuições destes conceitos para uma Neurolinguística Discursiva. Na segunda parte, será feita uma sugestão de aproximação a um diálogo entre sujeitos não-afásicos e um sujeito afásico por meio desses conceitos. Tal diálogo teve lugar no Centro de Convivência de Afásicos (CCA), no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP e foi relatado por Cazarotti Pacheco (ibid. 2012).

Palavras-chave: Neurolinguística; Bakhtin; Metodologia

1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho me aproximarei do pensamento bakhtiniano, a fim de demonstrar sua relevância para a Neurolinguística Discursiva (ND)². Para tanto, delimitarei os conceitos de *sujeito*, de *enunciado*, de *acabamento* e de *querer-dizer*. Essas concepções são fortemente ligadas umas às outras, tanto que é difícil analisar cada uma isoladamente, porque seus sentidos são entrelaçados. Entretanto, procurarei delimitá-los separadamente, a fim de que fiquem claros. Na segunda parte, sugerirei uma aproximação a um diálogo entre sujeitos não-afásicos e um sujeito afásico por meio desses conceitos. Tal diálogo teve lugar no Centro de Convivência de Afásicos (CCA), no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP e foi analisado por Cazarotti Pacheco, em sua tese de Doutorado sobre “O Discurso Narrativo nas Afásias” (ibid. 2012).

¹ Agradeço, de forma especial, a minha professora e orientadora Rosana do Carmo Novaes Pinto, e aos meus colegas do CCA e, doutorandos do Programa em Linguística Thalita Cristina Souza-Cruz e Marcus Vinicius Borges Oliveira pelas leituras atentas e comentários feitos para que este trabalho fosse produzido e publicado.

² Utilizamos também Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva para nos referirmos à área, em virtude da relevância do conceito de *enunciado*.

2. OS CONCEITOS BAKHTINIANOS

2.1 O conceito de *sujeito*

Primeiramente, focarei na noção de *sujeito* bakhtiniano. Bakhtin caracteriza o sujeito como um ser que age concretamente num contexto sócio-cultural-histórico. O sujeito constitui a língua discursivamente e é constituído por ela. Assim caracterizado, o sujeito não é nem abstrato nem idealizado. Desta forma, Bakhtin se distancia de duas posições vigentes em sua época, as quais o autor caracteriza como sendo o *objetivismo abstrato*, que parte de uma visão abstrata de sujeito sem papel ativo na construção da língua, e o *subjetivismo idealista*, em que o sujeito é completamente criativo e constrói a língua (GEGE 2009:96+97). Segundo Novaes Pinto (1999), Bakhtin chama estas perspectivas relativas ao sujeito de *ficção científica*. Ele critica estes dois modelos como totalitários e, portanto propõe a superação dialética através da interação verbal. O sujeito é parte ativa na produção das enunciações. Esta explicação não inclui somente as condições do sujeito falante, nem as exclui. As enunciações têm natureza social e existem dentro de uma situação concreta (Novaes Pinto 1999:157).

O sujeito bakhtiniano é constituído por diversas vozes. Segundo Novaes Pinto, essa visão heterogênea do sujeito leva Bakhtin a concluir que não se trata de um *assujeitamento*. Ela explana que o ‘eu’ e o ‘outro’ são, portanto, de característica heterogênea. Cada sujeito é construído pelo outro e este outro é igualmente construído por outros e assim por diante. Novaes Pinto realça que nesta perspectiva o sujeito nunca será um reproduzidor do que foi dito, isto é, os enunciados não resultam de construções passivas. É isto que distingue um sujeito do outro. Ela explicita que toda expressão linguística nunca é de um sujeito, mas sempre de natureza dialógica (ibid. 2004:126).

2.2 Os conceitos de *enunciado* e de *acabamento*

O conceito de *enunciado* é fortemente ligado ao conceito de *sujeito*.

Para esclarecer o termo que nas obras bakhtinianas é tradicionalmente traduzido como *enunciado* ou *enunciação*, me refiro, primeiramente, à anotação do tradutor de “Os Gêneros do Discurso”, Paulo Bezerra. Segundo ele, Bakhtin não faz distinção entre estes dois termos. Bezerra explicita que Bakhtin usa o termo russo ‘*viskázivanie*’ derivado do infinitivo ‘*viskázivat*’. Portanto, o tradutor o entende como “ato de enunciar, de exprimir, transmitir pensamentos, sentimentos, etc. em palavras” (Bezerra 2011:261). Bezerra explica que Bakhtin emprega o termo “quer para o ato de produção do discurso oral, quer para o discurso escrito, o discurso da cultura, um romance já publicado e absorvido por uma cultura, etc.” (ibid. 2011:261). Como o próprio Bakhtin não desdobra o termo *viskázivanie*, seu tradutor decide também não desdobrá-lo e traduzir ‘*viskázivanie*’ por *enunciado*.

Segundo Bakhtin (apud Novaes-Pinto, 1999), os linguístas de sua época definiram as unidades da língua de maneira indeterminada, confusa e vaga. O autor propõe o conceito de *enunciado* com o intuito de superar a divisão e subdivisão das unidades linguísticas (Novaes Pinto 1999:160). A busca das unidades da língua impede que os estudos da comunicação sejam levados adiante. As unidades como a *oração* são de

natureza gramatical e seguem as leis e fronteiras gramaticais. Daí resulta que elas não entram em contato imediato com a realidade e com as diversas atividades da vida humana (ibid. 2011:278).

Considerando a relevância para a comunicação, Bakhtin destaca o conceito de *enunciado*. Ele explicita que “a língua passa integrar a vida através de enunciados concretos [...] é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (ibid. 2011:265). Segundo Bakhtin, o *enunciado* é a “*unidade real da comunicação discursiva*” (ibid. 2011:269). Este é relacionado fortemente com o discurso, visto que o discurso só pode existir por *enunciados* concretos de determinados sujeitos do discurso. Entretanto, um *enunciado* por Bakhtin, como já citado acima, pode ser um diálogo cotidiano, um grande romance, um tratado científico etc.. Segundo Bakhtin, o *enunciado* é a unidade do “diálogo real”, o gênero o qual ele vê como a forma “mais simples e clássica de comunicação discursiva” (ibid. 2011:279).

Saliente-se que este conceito só pode ser entendido em conjunto com o conceito de *acabamento*, de *conclusibilidade*.

Apesar dos *enunciados* poderem ser muito diferentes, por exemplo, em termos de volume, de conteúdo e de construção, eles possuem, enquanto unidades da comunicação discursiva, particularidades estruturais comuns, entre quais seus limites precisos. Estes limites são definidos pela “*alternância dos sujeitos do discurso*” (ibid. 2011:275). Segundo Bakhtin, todo *enunciado* tem um princípio e fim absoluto, tanto que antes e depois de todo *enunciado* existem *enunciados* dos outros. A alternância dos sujeitos do discurso delimita a unidade do *enunciado*.

Assim como a alternância dos sujeitos do discurso é a primeira peculiaridade constitutiva do *enunciado* como unidade da comunicação discursiva, a “*conclusibilidade específica do enunciado*” é a segunda (ibid. 2011:280). Esta se encontra no interior da alternância dos sujeitos do discurso. Segundo Bakhtin “essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreveu) *tudo* o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições. Quando ouvimos ou vemos, percebemos nitidamente o fim do *enunciado* como se ouvíssemos o ‘dixi’ conclusivo do falante” (ibid. 2011:280). A conclusibilidade expressa o primeiro e mais essencial critério do *enunciado* que é “a possibilidade de *responder a ele*” (ibid. 2011:280). Para isto é preciso levar em consideração a noção de compreensão que Bakhtin elabora algumas páginas antes, no mesmo tratado sobre “Os Gêneros do Discurso”. Ele aduz que todo ato compreensivo pleno e real é ativamente responsivo e pode ser considerado como uma “fase inicial preparatória da resposta” (ibid. 2011:272). Segue-se que todo falante é simultaneamente respondente. Segundo Bakhtin, cada *enunciado* é um elo na corrente que é organizada e formada por outros *enunciados*.

O todo do *enunciado* somente pode ser realizado se houver espaço para uma atitude ou reação responsiva. A assim chamada “*inteireza do enunciado*” é determinada por três componentes que constituem a sua natureza: A “exauribilidade do objeto e do sentido”, o “projeto de discurso ou vontade de discurso do falante” e as “formas típicas composicionais e de gênero do acabamento” (ibid. 2011:281).

Em virtude da limitação de espaço, focarei, no próximo parágrafo deste trabalho, o segundo elemento citado.

2.3 O conceito de *querer-dizer*

A “intenção discursiva de discurso” ou a “vontade discursiva” (ibid. 2011:281), em outras traduções de Bakhtin e tratados sobre os conceitos bakhtinianos, são chamadas de “querer-dizer” ou “intuito discursivo” (por ex. Novaes Pinto 1999 e 2004). Como se trata de um elemento constituinte da inteireza do *enunciado* é fundamental que, para o entendimento da vontade discursiva, o *enunciado* seja considerado como um todo, inclusive seu volume e seus limites. Num diálogo entre dois sujeitos, um antecipa a ideia sobre o que o outro quer dizer. Desta forma, imagina a vontade a ser verbalizada pelo outro e em consequência disso lhe dá um *acabamento*, lhe dá uma conclusibilidade – antes mesmo que seu parceiro da comunicação verbal tenha concluído seu *enunciado*. Essa ideia da intenção discursiva do primeiro determina a escolha do objeto, dos limites do *enunciado* e da forma do gênero discursivo. Bakhtin chama essa ideia de “momento subjetivo do enunciado” o qual nunca será apartado da situação concreta e individual da comunicação e das circunstâncias individuais (ibid. 2011:281).

2.4 Contribuições dos conceitos bakhtinianos para a Neurolinguística Discursiva

Neste parágrafo, pretendo resumir o que esses conceitos têm a oferecer e como podem contribuir para a Neurolinguística Discursiva, me referindo ao trabalho de Novaes Pinto.

A perspectiva bakhtiniana implica, como vimos, que não existem *sujeitos assujeitados*, o que tem reflexos para a Neurolinguística Discursiva. Em sequência disto, análises linguísticas no campo das afasias ou outras patologias devem buscar considerar o contexto histórico-cultural-social no qual as interações se dão. O papel ativo do sujeito não deve ser nem esquecido nem idealizado, mas situado em seu contexto e em suas circunstâncias particulares.

Novaes Pinto demonstra a importância dos conceitos de *enunciado* e *acabamento* na descrição e análise de dados relativos às patologias. A autora retoma Bakhtin, quando afirma que: “Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui uma *conclusibilidade* específica” (ibid. 2011:275). A partir disso, Novaes Pinto conclui que qualquer tipo de réplica forma um *enunciado* e, por conseguinte, é entendida no interior do processo dialógico. (ibid. 2004:119). Assim, a autora considera todas as expressões de sujeitos afásicos como *enunciados* com valor comunicativo e discursivo, ainda que na análise de dados de sujeitos afásicos fique saliente que eles produzem muitos *enunciados* que não são subdivisíveis em unidades clássicas da língua, tais como *palavras* ou *orações*. As pesquisas de Novaes Pinto levam-na a concluir que sujeitos afásicos enfrentam bastante “dificuldades para dizer *tudo* o que querem ou precisam” (ibid. 2004:121).

Por conseguinte, é de grande relevância de não apenas seguir parâmetros tradicionais na avaliação do grau de severidade das afasias, mas considerar também as variáveis subjetivas através dos relatos dos sujeitos sobre o impacto da afasia.

3. UMA MOBILIZAÇÃO DOS CONCEITOS

O objetivo desta parte do trabalho é mobilizar os conceitos apresentados, descrevendo um dado narrativo entre sujeitos afásicos e não-afásicos e, desta forma, iniciar uma análise. Portanto, elaborarei, num primeiro passo, os tópicos que apresentam as ideias-chave dos conceitos apresentados na primeira parte. No segundo passo tentarei mobilizar essas ideias-chave e aplicá-las ao dado escolhido³.

O dado utilizado como exemplo é extraído de um episódio dialógico no Centro de Convivência de Afásicos (CCA), no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), analisado por Cazarotti Pacheco na sua tese de doutorado. Trata-se de um diálogo entre as interlocutoras não-afásicas Imp, Irn, Itn e MA. A última é apresentada por Cazarotti Pacheco da seguinte forma: “MA é do sexo feminino, nascida em 11/09/1942, brasileira, viúva, mãe de quatrofilhos, artista plástica (pintora de quadros), com ensino médio completo. Teve um episódio de AVC hemorrágico em 2008, após passar por um procedimento de clipagem de dois aneurismas cerebrais no hemisfério esquerdo. Apresenta, em consequência desse episódio, hemiparesia à direita e uma afasia que pode ser *mais* caracterizada como *não-fluente*. Sua principal dificuldade é a de encontrar palavras, o que a leva a produzir enunciados com muitas pausas e com parafasias (fonológicas e semânticas). Em 2009 o laudo da tomografia revelou: “Craniotomia fronto-têmporo-parietal esquerda. Sinais de clipagem aneurismática na região para-selar esquerda. Extensa área de encefalomalácia fronto-temporo- parietal esquerda, indicativo de isquemia no território da cerebral média esquerda”. Frequenta o CCA desde agosto de 2008.” (ibid. 2012: 59).

Turno	Interlocutor	Enunciado verbal	Enunciado não verbal
1	Imp.	O que aconteceu hoje cedo, MA? Conta aí.	
2	MA	Eu... caí.	Rindo. (em seguida, os demais participantes também riem, pelo modo como MA falou)
3	Irn.	Cê caIU, aonde?	
4	MA	Porque e::u... banheiro... tchum	Faz gesto com a mão, de baixo para cima, provavelmente indicando uma queda.
5	Irn.	Durante o banho, MA?	
6	MA	Porque tava... tava muito di com lá nãoconse/guia.	Faz gesto de abrir a torneira e em seguida da água caindo.
7	Imp.	Esquentá, né?	
8	MA	[[Daí depois/	
9	Imp.	[[o seu, né? Fal/exPLIca. O SEu chuveiro, o SEu banheiro não tava/	
10	MA	É e ia do do banheiro daqui, aqui.	Aponta para uma direção e depois na direção oposta.

³ Veja a lista dos tópicos no anexo do trabalho.

11	Irn.	Aí você foi no outro banheiro?	Faz gesto com a mão indicando “outro”.
12	MA	E tava, depois, começou a:: a caí no:: assim no::	Passa a mão na sua cabeça. Faz gesto de água caindo e aponta para baixo.
13	Irn.	No cano?	Faz um gesto indicando algo longo e fino, provavelmente a barra onde deve segurar.
14	MA	Não, assim, ali assim...	Desenha círculos com a mão voltada para baixo.
15	Imp.	Muito quente?	
16	Irn.	No boxe, dentro do boxe?	
17	MA	Assim... assim...	Faz gesto indicando que há um objeto ao lado de outro.
18	Imp.	Xampu... o xampu?	
19	MA	Isso... caIU aí eu fui e (EI) di, mas ficou...	Faz gesto de cair.
20	Irn.	Você escorregou no xamPU, então.	
21	MA	Daí caí “xum” “tchiuft”.	Faz gesto de cair e Risos (risos gerais).
22	Irn.	E machuco::u MA? Tá com dor? Machucou?	
23	MA	NO::ssa Senhora, aí ele me dô u::m um <i>lau/na-gé-sico</i> .	
24	Itn.	AnalGÉsico?	
25	MA	É, e:: passô!	
26	Irn.	Nossa, mas precisa tomar cuiDA do hein gente/	
27	MA	É.	
28	Irn.	Essa coisa de tom::bo.	
29	MA	Mas no banheiro...	Faz gesto de misturar algo.
30	Imp.	Mas explica MA, no eu banheiro, o que você colocou, pra ficar mais seguro, no seu banheiro?	
31	MA	AH não, LÁ é bem assim, assim. Aqui, assim.	Faz gesto mostrando algo semelhante a uma barra. Faz gesto de segurar uma barra.
32	Irn.	Ah, tem um um...	
33	Imp.	Barra, né?	
34	MA		Acena positivamente com a cabeça.

35	Imp.	Mas lá era o banheiro da A. e daí ela não tem, né?	(Imp explica que era o banheiro da filha de MA, que não tem a barra de segurança)
36	MA	Não nesse. É.	Acena positivamente com a cabeça.
37	Imp.	No da sua filha não tem, né? Barra.	
38	MA	É.	

Num primeiro passo, focarei como a noção bakhtiniana de *sujeito* pode ser ilustrada por meio deste dado.

Nesta visão, MA será sempre considerada sujeito. Segue-se que as alterações e restrições de linguagem com quais MA é obrigada a lidar nunca fariam dela um sujeito assujeitado. Destaca-se a interação verbal, que é para Bakhtin a superação de concepções totalitárias do sujeito. A heterogeneidade de MA como sujeito torna-se nítida. MA é construída por diversas vozes que vão constituir a maneira com que enuncia e igualmente serão o lugar onde a sua individualidade se expressa. Algumas vozes que ficam óbvias pelo dado seriam: MA como participante do grupo no CCA; MA como moradora de uma casa que tem dois banheiros com equipamentos diferentes; MA como mãe que recebe ajuda da filha.

Um traço que representa sua individualidade como sujeito enunciador também é como ela expressa o lado afetivo do seu *intuito discursivo*. A pronúncia e a ênfase que MA coloca no turno 2 provocam risos no grupo, o que pode ser um indicador de seu humor. Além disso, os enlances emocionais dos acontecimentos são revelados, por exemplo, no turno 23.

No próximo passo, focarei os conceitos de *enunciado* e de *acabamento*, ou seja, da *conclusibilidade*.

A análise dos *enunciados* de MA mostra que não faz sentido de separá-los em unidades da língua, orientado pelas leis gramaticais. Um exemplo é o turno 31: “AH não, LÁ é bem assim, assim. Aqui assim.”

Uma análise deste turno orientada nas unidades da língua pediria a decomposição dos elementos da ‘fala’. Primeiramente, poderia chamar a citação de *oração*. Neste caso, podemos dizer que MA nega um fato e aponta para algo. Segue-se apontando a próximas unidades menores que seriam as *palavras* e suas combinações. Entraria então numa análise morfológica, e portanto, seria necessário fixar o critério segundo qual a unidade palavra seria definida: o critério grafemático ou fonológico; ou seguiria a definição de Bloomfield segundo qual uma palavra é a menor unidade autónoma (Bloomfield 1933 apud Gabriel e Meisenburg 2007:136). Nessa lógica, deve-se procurar os elementos constitutivos das palavras, que dependendo dos gramáticos podem, por exemplo, ser chamados de morfemas ou semantemas (Monteiro 1991:12). Uma análise deste estilo progride do elemento maior ao menor, sempre a procura de definir as delimitações entre os elementos no âmbito gramatical. Analisar o turno exemplar desta maneira, sem considerá-lo como parte de um diálogo real, não passa de um exercício de segmentação gramatical, portanto,

este tipo de análise ignoraria várias dimensões do que MA está expressando. Segundo Bakhtin, o que é relevante são as unidades da comunicação que ele chama de *enunciados*. Como já vimos, para ele, mesmo réplicas bem fragmentárias são *enunciados*. Entender o turno 31 como *enunciado*, no sentido bakhtiniano, implica, além de considerar a coluna da direita como *enunciados* não-verbais, levar os turnos 30 até 34 em consideração. Todos esses turnos fazem parte do ‘todo’ e da ‘inteireza’ do *enunciado* de turno 31.

Daí resulta a indissociabilidade do *enunciado* verbal de MA e do seu *enunciado* não-verbal. Não se trata de um simples acompanhamento gestual, de natureza mímica. Eles se complementam e formam o ‘todo’. Essa ‘inteireza’ não pode ser construída num espaço vazio. De alguma forma, todos os *enunciados* são expressos num contexto discursivo, sempre tendo *enunciados* antecessores e sucessores. No exemplo dos turnos 30 até 34, o *enunciado* de 31 é uma resposta à pergunta da interlocutora Imp. Como vimos acima, os limites dos *enunciados* são dados pela alternância dos sujeitos do discurso. Os *enunciados* de Irn e Imp vão dando *acabamentos* sucessivos ao *enunciado* de MA, de tal forma que vão tornando possível compreender o seu *querer-dizer*. Nestes *acabamentos* é incluído tudo que as parceiras de comunicação de MA sabem sobre ela e sobre a sua situação concreta, de modo que buscam significar junto com MA. No turno 34, MA responde, afirmando com um *enunciado* não-verbal. Em outras palavras, a pergunta de Imp e as reações à sua resposta, assim como a afirmação não-verbal de MA constituem o ‘todo’ do *enunciado* 31.

Para dar *acabamento* ao *querer-dizer*, é necessário uma alteridade viva dentro da qual se encontra a compreensão responsiva e ativa. No turno 4, MA expressa “Porque e::u... ba-nheiro... tchum.” e indica, gestualmente, por meio de um *enunciado* não-verbal, que sofreu uma queda. Nos turnos seguintes, Irn e Imp trabalham sobre seus *enunciados* na tentativa de compreender sua vontade discursiva e entender como ocorreu a sua queda. Por meio de perguntas e partindo de seus próprios *enunciados*, na interação verbal, vão constituindo a possibilidade de *conclusibilidade* até que, no turno 20, Irn dá o *acabamento* afirmando que MA tinha escorregado no xampu, o que é confirmado por MA (turno 21).

O dado ilustra que *enunciados* como unidades de um diálogo real sempre se encontram numa corrente de *enunciados*. O que ajudou MA a chegar a sua vontade discursiva foi, além da alternância dos interlocutores participantes do diálogo, a comunicação da interlocutora de MA e de sua filha antes de encontro no grupo.

4. IDEIAS CONCLUSIVAS

Para terminar, gostaria de compartilhar algumas ideias e reflexões que este trabalho fez suscitar em mim. Parece-me bem difícil focar somente em alguns conceitos bakhtinianos. Assim que comecei a entender melhor um conceito, percebi que é inseparável de outro e que este outro traz, por sua vez, vários outros conceitos consigo. As concepções são interrelacionadas. Para exemplificar, vale ressaltar que o conceito de *sujeito* pede o estudo da ideia bakhtiniana de *contra-palavras* e de *já-dito*. Entretanto, para aprofundar o conceito de *enunciado* teria que, entre outros, estudar a escolha e as particularidades dos gêneros do discurso e assim por diante.

Para todos os conceitos nos quais foquei este trabalho a noção bakhtiniana de *dialogia* é fundamental. A dialogicidade do sujeito é saliente visto que o *sujeito* sempre se encontra numa situação dialógica, mesmo sendo um discurso interior (veja item 2.1). Igualmente vimos no item 2.2 que *enunciados* e *acabamentos* são essencialmente de qualidade dialógica, assim como a dialogicidade do *intuito discursivo* já se expressa no próprio nome do conceito (veja item 2.3). O dado, no qual me concentrei na segunda parte do trabalho, realça a importância do papel da dialogia. Portanto, para dar continuidade a este trabalho, um bom começo seria, sobretudo, discorrer mais detalhadamente sobre o conceito de *dialogia*.

Em síntese, este trabalho não pode ser mais que um começo para entender e estender conceitos e ideias bakhtinianas à questão da linguagem no campo das patologias. No entanto, chego à conclusão de que os conceitos bakhtinianos certamente podem enriquecer enormemente a Neurolinguística em suas abordagens teórico-metodológicas, visto que trazem um olhar especial e valores éticos ao trabalho com o ser humano e à comunicação. O que me fascina e entusiasma é uma linguística que busca seus objetos de estudo na vida e na interação humana e, nesse sentido, os conceitos bakhtinianos contribuem bastante a estudos linguísticos assim motivados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (2011). Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed., Martins Fontes, SP.
- CAZAROTTI PACHECO, M. (2012). O Discurso Narrativo nas Afasias. Tese de Doutorado. IEL/Unicamp. Campinas, SP.
- GABRIEL, C. & MEISENBURG, T. (2007). 5. Morphologie. In: Romanische Sprachwissenschaft. p. 135-16. Wilhelm Fink GmbH & Co. Verlag-KG, Paderborn.
- GRUPO DE ESTUDOS DE GÊNEROS DO DISCURSO (GEGE) (2009). Palavras e Contrapalavras. Pedro & João Editores, São Carlos, SP.
- MONTEIRO, J. L. (1991). Semantema e morfema. In: Morfologia Portuguesa. p. 12-16. Pontes, SP.
- NOVAES PINTO, R. (1999). A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas. Tese de Doutorado, IEL/Unicamp, Campinas, SP.
- NOVAES PINTO, R. (2004). A adoção de conceitos bakhtinianos para a análise de linguagem de sujeitos afásicos. *Linuga(gem)*, vol. 1, n.1, p. 111-147.
- PONZIO, A. (2009). A revolução bakhtiniana: O pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea, Ed. Contexto, SP.

6. ANEXO

Critérios da análise (veja cap.3)		
Conceito de <i>sujeito</i>	Conceito de <i>enunciado</i> e de <i>acabamento</i>	Conceito de <i>querer-dizer</i>
<ul style="list-style-type: none">• Sujeito inteiro na sua interação verbal• Dimensão discursiva• Dentro das condições concretas socioculturais• Múltiplas vozes, heterogeneidade	<ul style="list-style-type: none">• Dividir e subdividir não leva adiante• Considerar todas as réplicas como <i>enunciado</i>• Os limites – a alternância dos sujeitos• Possibilidade de responder, conclusibilidade• Cada <i>enunciado</i> como elo na corrente de vários, tem <i>enunciados</i> antes e outros atrás	<ul style="list-style-type: none">• Processo de imaginar de um sobre a vontade discursiva, o <i>querer-dizer</i> do outro